



EM BUSCA DE UMA TEORIA ESPACIAL CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE HENRI LEFEBVRE AO ESTUDO DAS PROBLEMÁTICAS URBANAS

Lívia Pierotte Mello de Freitas
Docente do Instituto Federal Fluminense
Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense
e-mail: lpierotte@gmail.com

RESUMO

O presente artigo versa sobre algumas contribuições teórico-metodológicas do filósofo francês Henri Lefebvre ao campo de investigação das problemáticas espaciais urbanas. Considera-se que, mesmo diante da diversidade de aportes teóricos e metodológicos assumidos pelos pesquisadores do urbano em suas pesquisas, muitos elementos desenvolvidos ao longo da obra do referido autor têm sido revisitados com significativa frequência na tentativa de elucidação do fenômeno urbano na contemporaneidade. No âmbito da Geografia Urbana, especialmente, suas análises podem contribuir para a construção de uma teoria espacial crítica.

Palavras-chave: produção social do espaço; Henri Lefebvre; análise espacial urbana.

GT-9: A produção do urbano: abordagens e métodos de análise

1 Introdução

A década de 1970 pode ser estabelecida como um marco temporal a partir do qual se introduz, na produção acadêmica geográfica brasileira, um conjunto de novas proposições teórico-metodológicas para se pensar a cidade, o urbano e as problemáticas socioespaciais decorrentes do processo de urbanização da sociedade. Situadas num contexto de renovação do pensamento geográfico no que se convencionou denominar Geografia Crítica¹, diversas publicações² passam a revelar a necessidade de uma Geografia comprometida com a formulação de uma teoria social crítica, assumindo o *espaço* como categoria fundante no tratamento geográfico dado aos fenômenos sociais.

Mais do que admitir o espaço como categoria analítica basilar, a perspectiva da *produção social do espaço* é posta como um vetor importante na interpretação e compreensão das dinâmicas da sociedade. Na construção desse processo, alguns elementos parecem se tornar evidentes no percurso explicativo exercido por muitos pesquisadores, dentre eles a adoção de uma orientação teórico-conceitual e metodológica ancorada em contribuições do filósofo francês Henri Lefebvre acerca dos fenômenos espaciais urbanos.

Desse modo, objetiva-se, com o presente artigo, apresentar algumas das influências lefebvrianas reconhecidas na forma como se tem estruturado o pensamento sobre a cidade e o urbano, especialmente no campo da Geografia Urbana, sem qualquer pretensão de esgotar o debate sobre o tema. Vale destacar que a Geografia Urbana que se produz no meio científico é rica e diversa em seus aportes teórico-metodológicos, apresentando, portanto, possibilidades múltiplas de apreensão do real, para além daquelas que serão explicitadas neste trabalho.

¹ Alguns geógrafos dissertam sobre essa denominação. O leitor pode aprofundar a discussão consultando, dentre outros: Ana Fani Alessandri Carlos (2007), *A “Geografia Crítica” e a crítica da Geografia* e José William Vesentini (2009), *Ensaio de Geografia Crítica: História, epistemologia e (geo) política*.

² Destaca-se o livro *Por uma Geografia Nova – Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*, do geógrafo Milton Santos, publicado em 1978, no qual o autor estabelece o espaço – social, por ele enfatizado –, como categoria essencial no projeto de uma “Nova Geografia”.

2 Vida e obra: diálogos entre a práxis e a teoria em Henri Lefebvre

Analisar a produção intelectual de um autor é sempre um exercício bastante complexo, tendo em vista a necessidade de se considerar não só o contexto histórico-geográfico de suas proposições teóricas, mas também o cenário epistemológico no qual está inserido. Dadas as limitações impostas à elaboração de um artigo científico, serão destacados aqui apenas alguns elementos relativos à trajetória de vida e obra de Henri Lefebvre, que interessam diretamente ao foco deste trabalho.

Nascido na França, o filósofo (e sociólogo, na classificação de alguns pesquisadores) Henri Lefebvre (1901-1991) primou, ao longo de sua trajetória intelectual, pelo diálogo interdisciplinar, inclusive com a ciência geográfica. Como fruto dessa interdisciplinaridade e, portanto, contribuindo para transpor os limites das chamadas “ciências parcelares”, Lefebvre compôs o que definiu como *Metafilosofia*³. Além disso, em sua tese de doutorado, intitulada *O Vale de Campan: Estudo de Sociologia Rural* (publicada em 1963), o autor também promoveu uma análise responsável por entrelaçar vários campos do conhecimento.

Alguns dos fatos vivenciados por Lefebvre nos trazem indicativos que permitem entender a razão pela qual o autor se debruça sobre temáticas relacionadas ao mundo urbano e à vida cotidiana. Nos anos 1920, ele trabalhou como motorista de táxi na França, o que, nos argumentos de Soto (2013), “(...) lhe ajudou a compreender o fenômeno urbano, e as contradições entre o concebido e o vivido” (p. 24). O filósofo publicou, ao longo de sua carreira acadêmica, diversos artigos e cerca de setenta livros, e além disso, teve uma atuação no Partido Comunista Francês, no qual ingressou em finais da década de 1920 e do qual foi expulso por volta de 1958⁴ (SOTO, 2013).

³ Nesse sentido, como mais um exemplo de influência de seu pensamento na Geografia brasileira, pode-se remeter à proposição da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos, em sua busca por uma *Metageografia*. Para mais detalhes, consultar seu livro *A condição espacial* (2011).

⁴ De acordo com Soto (2013), este fato é um dos elementos que contribuiriam para entender os motivos pelos quais observa-se, na França, uma espécie de “boicote” aos escritos de Henri Lefebvre, impactando diretamente na divulgação de sua obra. Para Soto: “Hess e Weigand (2009) se perguntam por que os

Segundo Soto (2013, p. 23), Lefebvre é o primeiro pensador a traduzir, na França, obras de Hegel, Marx, Engels, Nietzsche e Lênin, o que contribui para aproximá-lo dos debates estabelecidos por eles e compor seu aporte teórico e metodológico (sobretudo em sua vinculação e críticas ao marxismo e à dialética). Para José de Souza Martins (1996), um dos pioneiros⁵ na interpretação e divulgação das obras de Henri Lefebvre no Brasil, é o “Marx inconcluso e mortal”, no entanto, que alicerça em termos metodológicos o filósofo francês (1996, p. 9). Essa questão remete-nos ao fato de que Lefebvre ancora-se na produção de Marx de uma forma crítica, assumindo as devidas atualizações para a utilização do pensamento marxista.

Nas argumentações expostas por Martins (1996), o “retorno” que Lefebvre faz a Marx revela, em última instância, um “retorno à dialética”, mas um retorno consciente das implicações espaço-temporais oriundas de qualquer análise científica, que deve estar sempre contextualizada. Essa constatação leva-nos a compreender os caminhos teórico-metodológicos desenvolvidos por Lefebvre ao longo de seu constructo intelectual, como será explicitado na seção seguinte deste artigo.

3 Marxismo e questões de ordem metodológica em Henri Lefebvre

Dentre os diversos artigos e cerca de setenta livros publicados por Lefebvre, percebe-se, no âmbito de sua produção acadêmica, uma significativa presença de debates em torno do marxismo⁶. As questões de método em Henri Lefebvre imbricam-se diretamente às discussões que o autor estabelece sobre o marxismo. Trata-se de um dos

franceses tentaram esquecer Lefebvre. A resposta está, de acordo com eles, em *La somme et le reste*. Lefebvre fez muitos inimigos políticos, resultado da sua luta contra o dogmatismo no interior do Partido Comunista Francês, mas também adversários no mundo acadêmico, principalmente entre filósofos, sociólogos e historiadores” (SOTO, 2013, p. 25).

⁵ O sociólogo José de Souza Martins foi responsável por organizar, na USP, em 1976, um seminário semanal sobre a obra de Marx. O seminário durou 12 anos e, após esse período, o grupo por ele conduzido decidiu continuar os estudos, contudo ampliando as análises a partir “de um marxista contemporâneo de envergadura clássica”. Segundo Martins, o autor que melhor representava essa escolha era Henri Lefebvre (MARTINS, 1996, p. 10).

⁶ À título de exemplo: *O materialismo dialético* (1940); *O Marxismo* (1948); *Síntese do Pensamento de Karl Marx* (1966); *A Sociologia de Marx* (1968); *O pensamento marxista e a cidade* (1972).

pensadores franceses que mais refletiu (e buscou divulgar) o marxismo, mas não de uma forma acrítica.

Na linha de raciocínio desenvolvida por Lefebvre (2017 [1948]), o marxismo contribui para “a tomada de consciência do mundo real” (p. 13). Para ele, as contradições da sociedade moderna impõem novas formas de pensar o real, e o marxismo é erguido a partir dessa nova realidade. Em suas palavras: “O marxismo apareceu historicamente com relação a uma forma de atividade humana que tornou evidente a luta do homem contra a natureza: as grandes indústrias modernas, com todos os problemas que acarretaram” (2017 [1948], p. 13). Vale ressaltar a referência que o autor faz ao marxismo enquanto *materialismo dialético*. Para Lefebvre:

O marxismo, como concepção de mundo tomada em toda a sua amplitude, se denomina *materialismo dialético*. Com efeito, ele sintetiza e unifica dois elementos que Marx encontrou separados e isolados na ciência e na filosofia de seu tempo: o materialismo filosófico, a ciência já avançada da natureza, e uma ciência esboçada a partir da realidade humana, a dialética de Hegel, isto é, a teoria das *contradições*. A denominação “materialismo dialético” convém à doutrina assim designada mais exatamente do que o termo habitual, “marxismo” (LEFEBVRE, 2017 [1948], p. 24, grifo do autor).

Nota-se, assim, que Lefebvre adere a questões de ordem teórico-metodológica expostas em Hegel e Marx, contudo também tensiona as contribuições de ambos os pensadores. A partir de Marx, especificamente, Lefebvre também constrói suas abordagens em torno de uma interlocução teoria-prática. Nesse sentido, assevera Martins (1996): “Lefebvre não retorna, simplesmente, aos conceitos de Marx, mas à relação entre um modo de pensar e uma prática, isto é, a um projeto na práxis que define o trajeto de uma vida. O método dialético está no centro desse encontro” (MARTINS, 1996, p. 14).

A essa associação teoria-prática, Lefebvre incorpora seu debate acerca da lógica formal e da lógica dialética – expresso no livro *Lógica formal, lógica dialética* (1947), no qual o filósofo expõe seus argumentos relativos à relação sujeito-objeto, que para ele deve ser guiada, justamente, pela lógica dialética.

Ainda no rol das articulações promovidas pelo conjunto da obra lefebvriana, encontra-se o pioneirismo trazido pelo autor na articulação espaço-tempo. É nessa etapa de seus escritos que se pode vislumbrar, sobretudo para a Geografia, uma contribuição

bastante significativa: a noção de *formação econômico-social*. Para Martins (1996), essa concepção vincula-se diretamente a ideia de desenvolvimento desigual encontrada em Lefebvre. Segundo Martins, a combinação formação econômico-social/desenvolvimento desigual tem, na literatura lefebvriana, consequências não só de ordem teórica como também de ordem metodológica, uma vez que subsidia a investigação feita pelo filósofo sobre as relações sociais como elementos *datados e espacializados* (1996, p. 15). É o que se comprova a partir da seguinte afirmação:

Nessa retomada, há também uma certa concepção da relação entre o espacial e o temporal, entre o espaço e a História. A questão do âmbito dos processos sociais, isto é, da sua referência espacial, está reiteradamente sugerida na obra de Marx e reaparece densamente na obra de Lefebvre (MARTINS, 1996, p. 18).

Mister se faz lembrar, nesta linha de raciocínio, a menção feita pelo geógrafo brasileiro Milton Santos⁷ em 1977 à categoria *formação econômica social* como “a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço” (SANTOS, 1977, p. 81). Ao se referir ao viés social do espaço, Santos exprime que: “A base mesma da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta” (SANTOS, 1977, p. 82). Para ele, é na integração entre modo de produção, formação social e espaço, que a abordagem essencialmente geográfica se concretiza, ou seja, “é de formações sócio-espaciais que se trata” (SANTOS, 1977, p. 93).

A ideia de formação econômico-social cunhada por Lefebvre é resgatada na ciência geográfica de certa forma por permitir analisar as relações sociedade-natureza sob a ótica das diferentes temporalidades. É justamente nesse sentido que, em acordo com a explicação dada por Martins, entende-se que a formação econômico-social “é retomada por Lefebvre no preciso sentido da coexistência dos tempos históricos. E também no sentido de que nessa coexistência se encerram não o passado e o presente, mas também o futuro, o possível” (MARTINS, 1996, p. 20).

⁷ Para Corrêa (2007), há nítidas influências de Henri Lefebvre na obra do geógrafo Milton Santos. (CORRÊA, 2007, p. 26).

A coadunação formação econômico-social/desenvolvimento desigual possibilitada pela leitura lefebvriana desdobra-se em outra questão metodológica central nos escritos do autor: a utilização do *método regressivo-progressivo*.

Os apontamentos que qualificam esse método de análise aparecem, primeiramente, em artigos que o filósofo publicou nos *Cahiers Internationaux de Sociologie*, nos anos de 1949 e 1953 (MARTINS, 1996, p. 20). Posteriormente, em sua tese de doutorado, publicada em 1963, elucidam-se novamente, as características do método regressivo-progressivo visível em Lefebvre.

A composição do método lefebvriano dá-se em três etapas, de acordo com Martins (1996). Todas elas contribuem para evidenciar a essência dessa proposição metodológica do filósofo: a articulação das diferentes temporalidades na construção de sua dialética. Desse modo, estabelece o autor que, num primeiro momento, como se procede numa espécie de “etnografia”, o pesquisador descreve as relações sociais no plano do visível. Trata-se da primeira etapa, a *descritiva*; em seguida, percebem-se as coexistências das diferentes temporalidades expressas no centro das relações sociais – cumprindo assim a segunda etapa do método, *analítica-regressiva*. Por fim, é na etapa *histórico-genética* que o cientista apreende o presente “elucidado”. Como sintetiza Martins (1996):

Nesse momento regressivo-progressivo é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades (MARTINS, 1996, p. 22).

Essa composição metodológica regressiva-progressiva que permite trabalhar as consonâncias e dissonâncias temporais reflete-se, no campo da Geografia, nas análises articuladoras entre espaço e tempo. No que tange ao campo da Geografia Urbana especificamente, vale destacar não apenas as possibilidades de apropriação do método lefebvriano na tentativa de explicação dos fenômenos urbanos, mas também todo um conjunto de conceituações pelo autor estabelecidas e que, a partir das últimas décadas do século XX, têm sido com significativa frequência revisitado em estudos acerca das problemáticas urbanas postas à sociedade.

Diante disso, a próxima seção busca, ainda que de forma bastante sintética, apresentar algumas das contribuições teórico-conceituais lefebvrianas passíveis de serem encontradas no campo de análises sobre o urbano, em especial nas Ciências Sociais e no âmbito da Geografia Urbana.

4 O aporte teórico-conceitual lefebvriano na interpretação do urbano: esforço de análise na busca por uma teoria espacial crítica

A apropriação do *corpus* teórico-conceitual e metodológico de um autor deve ser realizada com prudência. Como já foi sinalizado na seção anterior deste artigo, o método regressivo-progressivo exposto por Lefebvre tem sido revisitado em trabalhos de Geografia Urbana⁸ por permitir, dentre outras possibilidades, articular diferentes temporalidades na compreensão de problemáticas espaciais urbanas. Em seu artigo intitulado *Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia*, Damiani (2012) assegura ser nítida a influência lefebvriana na Geografia. Nesse sentido, a geógrafa destaca o esforço interdisciplinar na construção do objeto da Geografia, nos caminhos percorridos na busca por uma “teoria social crítica”. É o que se depreende a partir da seguinte explicação:

Um eixo imanente a este ponto de vista, a propósito da Geografia, seria a virtualidade de uma teoria geográfica do espaço, a partir da qual, negativa e positivamente, podemos chegar à produção do espaço, concepção que não cabe reduzidamente numa disciplina científica, mas a atravessa, diante de suas possibilidades categoriais. Duas influências devem ser ressaltadas neste sentido: a de Henri LEFEBVRE e a de Karl MARX. O primeiro por propor, dentro do marxismo, a inerência da categoria de produção do espaço num pensamento sobre a formação econômico-social capitalista, produzindo uma revisão do que poderia ser definido como uma noção abstrata e matemática do espaço (como categoria filosófica do ser e de sua determinação no mundo, enquanto tal) (DAMIANI, 2012, p. 260).

⁸ É válido salientar que a apropriação de referenciais teórico-metodológicos lefebvrianos não se restringe, obviamente, ao âmbito de trabalhos geográficos. Observa-se menção a vários de seus aportes nos mais variados campos das Ciências Sociais, na esfera da Arquitetura e Urbanismo, dentre outros. A Sociologia de José de Souza Martins – um dos pioneiros na introdução do pensamento lefebvriano no Brasil –, é ilustrativa desse processo. Martins inspira-se em Lefebvre em diversos momentos de sua obra. Para maiores detalhes, consultar, por exemplo: *Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre* (2014).

Ao dissertar sobre a “teoria da produção do espaço” em Lefebvre diretamente vinculada à análise do urbano, Costa (2003) considera que a mesma representa, sobretudo em *A produção do espaço* (1974), “uma economia política do espaço, mas que, no entanto, difere da chamada economia política urbana ou da urbanização” (2003, p. 9). Ainda segundo Costa (2003), trata-se, em última análise, de uma proposta articuladora entre a teoria e a prática (conforme já apontado na seção anterior deste artigo), e ainda entre as vertentes política e econômica (p. 11).

Frehse (2001), em estudo realizado acerca da produção do urbano paulistano em finais do século XIX, assume o método regressivo-progressivo lefebvriano como fio condutor de sua pesquisa. Para a autora, tal método possibilita analisar as diferentes temporalidades concatenadas na produção do urbano em São Paulo por ela investigada (FREHSE, 2001, p. 169).

De acordo com Schmid (2012), as transformações verificadas na sociedade sobretudo a partir dos anos 1970 (tais como a intensificação dos processos de globalização e urbanização), levam a uma espécie de “virada espacial”, trazendo para a agenda de debates a problemática do espaço (2012, p. 89). É nesse contexto que a teoria do espaço desenvolvida por Lefebvre começa a ganhar fôlego. Como corrobora Schmid: “Sua significância reside especialmente no fato de que ela integra sistematicamente as categorias de *cidade* e *espaço* em uma única e abrangente teoria social, permitindo a compreensão e a análise dos processos espaciais em diferentes níveis” (2012, p. 90, grifo do autor). Ainda segundo Schmid (2012), dentre as principais contribuições lefebvrianas à interpretação do fenômeno urbano, situam-se a dialética e a perspectiva relacional assumida pelo filósofo na interlocução tempo-espaço.

É importante destacar que, para Lefebvre, é sobretudo a partir da segunda metade do século XX que o urbano e a cidade emergem como questões postas aos estudiosos. Soja (1993[1989]), geógrafo norte-americano que também revisita as teorias lefebvrianas, compartilha dessa abordagem, ao definir sobretudo a década de 1970 como marco temporal a partir do qual as problemáticas urbanas são colocadas. Em suas argumentações:



Deu-se atenção não somente às contradições no local de trabalho (o ponto de produção), mas também ao conflito de classes em torno da habitação e do meio ambiente construído, à prestação e à localização dos serviços públicos pelo Estado, ao desenvolvimento econômico das comunidades e dos bairros, às atividades das organizações financeiras e a outras questões que giravam em torno do modo como o espaço urbano era socialmente organizado para o consumo e a reprodução. Assim, uma problemática espacial especificamente urbana – incorporada na dinâmica dos movimentos sociais urbanos – foi colocada na agenda das considerações teóricas e da ação social radical (SOJA, 1993, p. 118).

Para Carlos (2011), a *problemática espacial* em Lefebvre refere-se nitidamente a uma *problemática urbana*. Essa constatação pode ser comprovada ao se analisar a própria explicação dada por Lefebvre em *Espaço e Política* (2008 [1972]), ao desvelar que a problemática urbana “(...)pertence à teoria do urbano e a sua ciência e, por conseguinte, a uma problemática ainda mais vasta, a da sociedade global” (2008, p. 40-41).

Em seu livro *O pensamento marxista e a cidade* (1972), Lefebvre procede a uma investigação da problemática urbana no bojo das análises marxistas. Ao analisar textos de Marx e Engels de uma forma crítica, Lefebvre apresenta neste livro a maneira pela qual as questões urbanas vinham sendo abordadas à luz de conceituações do materialismo histórico (1972, p. 8).

Importante sublinhar que, anteriormente à publicação de *Espaço e Política* (1972) e *O pensamento marxista e a cidade* (1972), Lefebvre inaugurava, em 1968, um de seus debates mais conhecidos e apropriados por estudiosos do mundo urbano contemporâneo: sua concepção sobre o *direito à cidade* – cujo livro correspondente recebe a mesma denominação (*Le Droit à la Ville*, no original).

A interface que os temas desenvolvidos por Lefebvre em *O direito à cidade* fazem com a Geografia Urbana é ponto relevante a ser destacado. No referido livro, Lefebvre articula discussões em torno da industrialização e urbanização; os limites das ciências parcelares na explicação da realidade urbana; a ideologia urbanística; as relações cidade-campo e, por fim, o que concebe como de fato o direito à cidade. Para o filósofo, o direito à cidade passa pelo direito à (re)apropriação da vida urbana. Em seus escritos, define: “O *direito à cidade* não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno



às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 2001 [1968], p. 116-117, grifo do autor).

Nota-se que diversos estudos de Geografia Urbana que têm por foco discutir questões como: segregação socioespacial, planejamento urbano e gestão territorial, problemáticas relacionadas ao acesso à moradia, acessibilidade na cidade, dentre outros, recorrem, com significativa frequência, à concepção do *direito à cidade* na tentativa de interpretar esses dilemas urbanos e desvelar de que forma cada agente (re)produz o espaço urbano e se apropria da cidade. Ainda na seara de discussões articuladas à apropriação do espaço urbano, recorre-se a ideias explicitadas por Lefebvre em *A Revolução Urbana*, publicado no ano de 1970, no qual o autor expõe as potencialidades de uma revolução no seio da sociedade urbana.

Nesse livro, Lefebvre destaca como o espaço é apropriado e se transforma em valor de troca. Em sua constatação: “Ultimamente, o próprio espaço é comprado e vendido. Não se trata mais da terra, do solo, mas do *espaço social* como tal, produzido como tal, ou seja, com esse objetivo, com essa finalidade (como se diz)” (LEFEBVRE, 2011 [1970], p. 140, grifo do autor).

A passagem acima destacada permite dialogar com a maneira como muitos geógrafos urbanos introduzem, em suas pesquisas, a concepção lefebvriana de produção social do espaço. À título de ilustração, cita-se aqui uma passagem da geógrafa Carlos (2011):

Na construção do pensamento geográfico (e, aqui nos referimos especificamente à Geografia brasileira) é possível perceber uma nítida inflexão, senão ruptura, que se estabelece nos anos 1970 (evidentemente como expressão das transformações da Geografia norte-americana e europeia) a partir do questionamento sobre a elaboração do pensamento constituído até então, problematizando sua potência explicativa sobre o mundo e, nessa direção, permitindo construir os fundamentos da noção de *produção do espaço* sob a orientação do materialismo histórico (CARLOS, 2011, p. 64).

A concepção de que o que importa analisar é a *produção social do espaço* marca a produção acadêmica de muitos cientistas sociais preocupados em desvelar as contradições intrínsecas ao fenômeno urbano a partir da década de 1970. Nessa linha de raciocínio, o sociólogo urbano Mark Gottdiener (2016 [1985]) chega a intitular um de

seus livros de *A produção social do espaço urbano*, no qual, alicerçado num arcabouço teórico lefebvriano, procede à interpretação de problemáticas urbanas de seu tempo sob a argumentação de que as condições espaciais da sociedade são social e historicamente produzidas. Para compor sua análise espacial, Gottdiener rememora a importância de *A produção do espaço* publicado por Lefebvre em 1974, ao salientar o avanço promovido pelo filósofo no sentido de articular tempo e espaço na explicação da sociedade moderna. Para Gottdiener:

“Todavia, Lefebvre não é panfletário. Como as de outros marxistas, suas afirmações políticas estão fundamentadas numa análise teórica bem articulada da vida contemporânea. Na realidade, Lefebvre hoje é talvez o mais antigo estadista da filosofia social marxista. Por toda uma década, na França, ele se dedicou à análise da vida urbana. O resultado final desse estudo é a sua obra de 1974, *La production de l'espace*, que nunca foi analisada no mundo de língua inglesa (GOTTDIENER, 2016 [1985], p. 31, grifo do autor).

Ao publicar *A produção do espaço* em 1974, Lefebvre demarca uma posição importante na busca por uma teorização crítica da realidade socialmente produzida. Smith (1988) atribui a Lefebvre um caráter pioneiro e original nesta análise. É o que apreende da afirmação a seguir: “(...) é Henri Lefebvre que tem sido o mais coerente, o mais criativo e o defensor mais explícito da ‘produção do espaço’. Ao que eu saiba, foi Lefebvre quem criou a frase ‘produção do espaço’”(SMITH, 1988, p. 139).

Limonad (1999) também argumenta à respeito da originalidade de Lefebvre no tocante à articulação espaço-temporal na explicação do fenômeno urbano. A autora afirma que, para o filósofo, o espaço não seria um mero “espelho” das relações sociais de produção, “e a urbanização, por sua vez, enquanto processo de disseminação do urbano, que ampliava-se e generalizava-se em escala mundial – deveria ser entendida enquanto expressão das relações sociais ao mesmo tempo em que incidiria sobre elas” (LEFEBVRE, 1972, *apud* LIMONAD, 1999, p. 72). A concepção de espaço urbano enquanto espaço produzido social e dialeticamente pode ser confirmada a partir da seguinte observação feita por Limonad (1999):

“Seria no espaço socialmente produzido, o espaço urbano do capitalismo mesmo no campo, onde se reproduziriam as relações dominantes de produção através de um espaço social concretizado, criado, ocupado e

fragmentado conforme as necessidades da produção e do capitalismo (LIMONAD, 1999, p. 73).

Desse modo, é nítida em Lefebvre a ideia de que: “*El espacio (social) es un producto (social)*”⁹ (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 86, grifo do autor). Ao se referir à atualidade de Henri Lefebvre, o autor Lorea, no prólogo da edição espanhola *La producción del espacio* (2013), faz uma constatação importante:

En cualquier caso, *La producción del espacio* y su autor han envejecido bien, como se deriva de la gran influencia ejercida sobre otros autores de la talla de David Harvey, Fredric Jameson, Doreen Massey o Edward Soja. Autores que, como reclamaba Lefebvre de los teóricos sociales, no se han mantenido encorsetados en una única esfera especializada, sino que han transitado, a través de la influencia recibida y ejercida, entre disciplinas como la sociología, la geografía, la antropología o la filosofía. Es a ellos a quienes hoy debemos el énfasis realizado en la necesaria *especialización de la teoría* – sin excluir la temporalidad –, tanto como la consideración del espacio como *un producto social* (y *político*) o *lo urbano* como um fenómeno global (LOREA, 2013, p. 28, grifo do autor).

Vale ressaltar que a compreensão dialética do espaço em Lefebvre se faz à luz da tríade por ele desenvolvida, articuladora de elementos que se complementam na análise da produção social do espaço: os espaços de representação – *espacio vivido*; as representações do espaço – *espacio concebido*; e as práticas espaciais – *espacio percebido*. Sem essa dimensão triádica, para Lefebvre, não se apreende de forma adequada a maneira pela qual se produz, socialmente, o espaço (LEFEBVRE, 2013 [1974]).

A partir da explanação desenvolvida ao longo desse artigo, algumas considerações mostram-se pertinentes no tocante a influências lefebvrianas na formulação explicativa dos fenômenos espaciais urbanos.

Primeiramente, é preciso reconhecer que toda apropriação que se faz de conceitos, métodos e teorias elaborados por um autor deve primar sempre pela cautela em seus usos. Em seções anteriores desse trabalho, pôde-se constatar que essa era uma perspectiva, inclusive, apontada pelo próprio Lefebvre em suas análises acerca das apropriações e atualizações críticas da obra de Karl Marx. Concorde-se assim com o argumento tecido

⁹ Foi utilizada aqui a versão traduzida para o espanhol, publicada pela editora Capitán Swing Libros, em 2013.

por Costa (2003), quando ele assume que: “A contribuição da teoria do espaço de Lefebvre para a análise urbana é essencialmente uma inspiração” (p. 13).

Além disso, ao promover aqui uma breve análise acerca dos elementos de inspiração lefebvriana verificados na produção acadêmica geográfica que versa sobre o fenômeno urbano, há que se considerar que não se trata, neste trabalho, de proceder a generalizações ou limitar o vasto e diverso campo da produção científica que investiga as problemáticas urbanas postas à sociedade. A riqueza e variedade dos métodos de interpretação escolhidos por um pesquisador devem ser consideradas.

Efetuada essas ponderações, considera-se, pelo presente artigo, que se encontram em Henri Lefebvre elementos importantes na busca pela construção de uma teoria crítica do espaço. Alguns desses elementos – explicitados ao leitor ao longo desse trabalho – têm contribuído para um diálogo teórico-metodológico interdisciplinar enriquecedor na busca pela explicação das problemáticas espaciais urbanas da contemporaneidade.

5 Considerações finais

A investigação das problemáticas espaciais urbanas pelas Ciências Sociais e, especialmente por pensadores da Geografia Urbana, têm apresentado, sobretudo a partir da década de 1970, contribuições teórico-metodológicas ancoradas em elementos da obra do filósofo francês Henri Lefebvre. Mesmo quando se considera a riqueza e variedade de métodos de interpretação e conceituações assumidas pelos diferentes pesquisadores em seus estudos acerca do fenômeno urbano, há que se levar em conta a apropriação de concepções pelo autor desenvolvidas na tentativa de explicação das problemáticas urbanas da contemporaneidade.

Neste artigo, a análise das influências lefebvrianas nos estudos urbanos guiou-se em torno do *método dialético regressivo-progressivo* por ele estabelecido, bem como nas considerações sobre as noções de *produção social do espaço* e *direito à cidade* desenvolvidas ao longo de sua produção acadêmica. Além desses elementos, é importante destacar também a perspectiva trazida por Lefebvre no sentido de compreender as limitações das ciências parcelares na explicação do real, buscando, portanto, um diálogo interdisciplinar.



Numa tentativa de sistematização das ideias aqui elencadas, pode-se afirmar que as concepções de *produção social do espaço* e *direito à cidade*, alicerçadas no *método dialético regressivo-progressivo* são revisitadas com significativa recorrência na busca pela formulação de uma teoria *socioespacial* crítica.

6 Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011. 157p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de. et al. (orgs). **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 352p.

COSTA, Geraldo Magela. A contribuição da teoria do espaço de Lefebvre para a análise urbana. In: LIMONAD, Ester. (Org.). **Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefebvre**. 1 ed. Niterói: GECEL-UFF, v. 1, p. 09-14, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Brasil/ppgeo-uff/20121204012940/uno.pdf>>, acesso: 05 jun. 2019.

DAMIANI, Amélia Luisa. Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, volume especial 30 anos, p. p. 254-283, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53851/57814>>, acesso: 05 jun. 2019.

FREHSE, Fraya. Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 13(2): p. 169-184, novembro de 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v13n2/v13n2a09.pdf>>, acesso: 06 jun. 2019.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2016. 312p.

LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Biblioteca Ulisseia do Conhecimento Actual, 1972. 173p.

_____. **Lógica formal, lógica dialética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 301p.

_____. **O direito à cidade**. 4 ed. São Paulo: Centauro, 2006. 145p.

_____. **A Revolução Urbana**. 3ª reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 176p.



- _____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 192p.
- _____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013. 451p.
- _____. **Marxismo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017 [1948]. 128p.
- LIMONAD, Ester. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **GEOgraphia** UFF, Niterói, RJ, v. I, n.I, p. 71-91, 1999.
- LOREA, Ion Martínez. Prólogo: Henri Lefebvre y los espacios de lo posible. In: LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013. 451p.
- MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. 151p.
- _____. **Uma Sociologia da Vida Cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo: Contexto, 2014. 221p.
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 54, p. 81-99, São Paulo: AGB, jun. 1977. Disponível em:
<<https://agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092/949>>, acesso: 05 jun. 2019.
- SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, nº32, p. 89- 109, 2012. Disponível em:
< <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284/77927>>, acesso: 3 jun. 2019.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual: uma revisão do processo capitalista**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução [da 2ª ed. inglesa]. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324p.
- SOTO, William Héctor Gómez. O pensamento crítico de Henri Lefebvre. **Revista Espaço Acadêmico** nº 140, ano XII, p. 22-28, 2013. Disponível em:
<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17379/10262>, acesso: 3 jun. 2019.